

22-08-2024

Maria, mulher de fibra - só mais uma trabalhadora?

John Carlos Alves Ribeiro

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

Em criança, desde os 7 anos, ela já labutava como babá. Aos 12 já fazia trabalhos domésticos em casas alheias (de patrões e patroas). Aos 14 anos, acordava cedo para buscar madeira, separá-la e organizar em feixes. Juntamente com os irmãos, ajudava a mãe a encher e esvaziar os fornos (as caieiras na feitura do carvão). Já era mulher de fibra, semelhante a Janaína, personagem do livro “*Crianças de Fibra*” (Jornalista Jô Azevedo e fotógrafa Iolanda Huzak) que, aos 12 anos, também trabalhava em carvoarias.

Justamente por ser muito trabalhadeira, também por ser inteligente e gostar de estudar, ainda aos 12 anos foi morar no bairro de Pedrinhas com uma família que lhe garantia sustento e acesso aos estudos. Na casa de Dona Raimunda e de Chico Caçambeiro já era uma dona de casa. Fazia de tudo, inclusive à beira do fogão. Mas por lá também estudava. Aos 14 voltou para casa, mas a vida continuava. E essa jornada seria interrompida apenas pela entrada de um tal Bié em sua vida. Homem do mundo. Peão de obra. Trecheiro. Já experiente, casado e separado, recém viúvo de um segundo casamento. Este homem chegou, se encantou com a jovem que agora tinha seus 17 anos. Seu pai não gostou muito da ideia. Ameaçou amarrá-la ao pé da mesa, à pão e água, caso não fosse assumida devidamente. Ameaçou também um acerto de contas com o tal Bié, caso não “agisse como homem”. Ficou intrigado com Chico, até então seu amigo. Mas foi surpreendido pela empáfia, atrevimento, de João Bié que, ao chegar à sua porta para tratar do namoro com sua filha, acabou por lhe convencer. Pouco tempo depois viria a primeira filha, depois o segundo filho e a vida seguia. Nesse tempo habitavam uma casa de taipa, chão batido e cobertura de palha, no mesmo bairro de Pedrinhas, periferia de São Luiz do Maranhão. A casa estava exatamente entre os trilhos da estrada de ferro Carajás, que atendia a demanda de escoamento de ferro e bauxita, rumo ao Porto de Itaquí. Nesse cantinho, apertado entre os apitos dos trens, estavam também a casa de sua irmã mais velha e de seus pais, cantinho este que ficaria para trás por pelo menos dez anos de sua vida. Aos 21 anos, Maria do Socorro partiu para Goiás, chegando à cidade de Goiás com seus dois filhos. Daí começa uma saga que parecia vir sendo preparada desde os 7 anos, no trabalho de babá, depois doméstica e na feitura do carvão. Ela passaria a viver sozinha, com os filhos, que foram aumentando até fechar a conta em cinco, sendo que um deles faleceu ainda no primeiro ano de vida. Se estabeleceu em Trindade-GO, mas seu marido, João Bié, vivia no mundo, de trecho em trecho, como se dizia no ramo de pavimentação. Como as frentes de trabalho que pagavam melhores salários nem sempre eram as mais próximas de casa, João Bié ficava de 30 a 60 dias fora de casa. Maria, sozinha e Deus, tomando conta de seus filhos, tinha que dar conta de tudo. Nessa árdua tarefa, sem suporte familiar ou rede de solidariedade, a quase dois mil quilômetros da casa dos pais, educou seus quatro filhos. Foi mãe e pai, na maior parte do tempo. Aprendeu a fazer malabares com o orçamento doméstico para, além de comer, vestir seus filhos, pagar aluguel, água, luz, enfim, para sobreviver com alguma dignidade. João Bié, no trecho, comia mal, mas ficava sempre com a maior parte do dinheiro. Comia mal a “boia da firma”, mas aos finais de semana se esbanjava nas cidades mais próximas, bebendo, fumando e gastando seu dinheiro entre amigos e mulheres.

Maria do Socorro, guerreira de nascimento, não lutava contra essa sina. Pelo contrário. Naturalizou essa vida, ao menos até ver os filhos crescidos. Aguentava humilhações, suportava a dor da saudade, pois apesar do sofrimento, amava o tal Bié, sobrevivendo dia após dia à distância de seus familiares. Após longos dez anos, nos idos de 1995, foi visitar a família em São Luiz. Os apitos dos trens seguiam por lá. A rua seguia de chão batido. A água ainda não era encanada, era bombeada do poço. O banheiro era de fora para o banho frio, que não incomodava tanto devido ao calor intenso sempre presente. Para outras necessidades, a privada. A casa era de alvenaria, mas com muitos detalhes por terminar, típica da autoconstrução. Tudo muito simples, mostrando que a vida seguia muito difícil, muito parecida a como era antes. O difícil acesso aos empregos fez com que todos se empolgassem quanto à vinda para Goiás. Muitos, inclusive um sobrinho e um irmão, viviam do pouco dinheiro do trabalho na draga, enchendo caminhões à pá e recebendo na diária. Primeiro vieram esse sobrinho e irmão. Depois veio um dos filhos do Chico Caçambeiro, que seguia como amigo da família e era agora compadre do casal. Com o tempo vieram quase todos os parentes, para morar e trabalhar por aqui. Essas histórias remontam um retrato de um Brasil desigual, de um Nordeste esfaqueado pela exploração, o que sempre marcou a história de minha família. - *Sim, o segundo filho de Dona Maria, nascido ainda em São Luiz do Maranhão sou eu* -

Esse retrato compõe, especialmente, a trajetória de vida de Dona Maria do Socorro, minha mãe, que desde pequena se tornou mulher de fibra, trabalhando duro, seja na feitura do carvão, na casa dos outros. Ou por aqui, depois de se cansar de ser enganada pelo seu João Bié e pedir a separação, como revisora de peças da indústria de confecções, depois como costureira, depois como dona de lanchonete, dona de bar, hoje como sapateira e dona de uma pequena loja de calçados.

Essa é a trajetória de uma Paraibana, nascida em Malta na Paraíba, criada em São Luiz do Maranhão, que precisou aprender a se virar sozinha desde muito cedo e ser pai e mãe de quatro filhos. Não pôde seguir nos estudos, apesar de ter tentando retomar por duas vezes, pouco trabalhou de carteira assinada, e sempre teve que viver de bicos (o marido não a deixava trabalhar fora). Quando conseguiu ter seu próprio negócio, não conseguiu pagar a previdência o suficiente para garantir-lhe acesso à aposentadoria. Essa mulher de fibra, ainda hoje trabalha (aos 61 anos) e segue lutando pelo direito à aposentadoria, justamente por ter fragilizado as fibras musculares. Uma lesão do músculo supraespinhal limitou os movimentos de seu braço direito. Hoje, Maria do Socorro se limita aos trabalhos mais leves na oficina caseira de fabricação de sapatos ao lado de seu esposo, Mário Augusto, o Tim. E espera por mais uma perícia com o médico do trabalho para tentar o direito à aposentadoria. Enquanto isso, seguem as mudanças no mundo do trabalho: uberização, pejotização, plataformação etc... ..

Quantas Marias do Socorro temos por aí? Quantas mulheres de fibra, que sempre viveram do trabalho, no lar ou na rua, ainda sofrem, mesmo com idade avançada, sem acesso à aposentadoria. Mulheres do lar, domésticas, babás, que viveram de trabalhos informais, de bicos, de subempregos. Essa é uma questão importante para um país em que histórias como essa ainda são muito presentes em nosso cotidiano. Quantas outras Marias terão que sofrer à espera de seguridade social? Essas questões e a trajetória de minha mãe só me dão mais força para lutar pela saúde do trabalhador e da trabalhadora como direito humano fundamental. Que a luta continue. Que mais mulheres de fibra participem dessa luta. Que menos mulheres tenham que passar por esse sofrimento. E que a vida precise forjar menos Marias como as de Milton Nascimento e Fernando Brant. "Mas é preciso ter manha, é preciso ter raça, é preciso ter sonho sempre" ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.